

O ACESSO À UNIVERSIDADE E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE NEGRA: (ESCRE)VIVÊNCIAS DE DISCENTES COTISTAS NA UDESC¹

Maria Eduarda Corrêa dos Santos ², Isabela Testoni ³, Maria Helena Tomaz⁴, Gelcemar Oliveira Farias ⁵

¹ Vinculado ao Programa de Extensão Memorial Antonieta de Barros - Edital Programa de apoio à Extensão Universitária e Programa de Incentivo à Creditação da Extensão Universitária – PAEX-PROCEU/UDESC Nº 01/2019

² Acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado em Moda – CEART - Bolsista de extensão

³ Acadêmica do Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia –FAED - discente voluntária de extensão

⁴ Orientadora, Coordenadora do Programa e Coordenadora do NEAB/Reitoria - maria.tomaz@udesc.br

⁵ Orientadora, Departamento de Educação Física – CEFID/UDESC – gelcemar.farias@udesc.br

A inserção no ensino superior permite a compreensão de um momento de transição e aquisição de conhecimentos ampliados, que geram desajustes, motivações, aprendizagens que permitem a consolidação da profissão futura. Ao mesmo tempo em que a formação inicial deve proporcionar situações e encontros que levem os estudantes a ultrapassarem os muros das instituições, instiga a adentrarem num universo de discussão, de conhecimento, da história e do momento de mobilização de negros no contexto universitário. Está imbricada nesse processo, a política de ações afirmativas gestada nas universidades, destacando-se as experiências, os desafios e as perspectivas direcionadas para a (re)existências e vivências de coletivos que não acessavam esse espaço-tempo acadêmico.

Este estudo está vinculado a uma das ações de extensão do Programa Memorial Antonieta de Barros, articulado com Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/NEAB da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, que objetiva a Política de Ações afirmativas e a implementação da Lei Federal Nº 10.639 de 2003 e da Lei Federal Nº 11.645 de 2008. A ação de extensão *Caminhando com Antonieta de Barros: narrativas de resistência e ancestralidade*, recupera e dissemina protagonismos, modos de resistência, participação política e social, vivências de religiosidades e produções literárias de mulheres afro-brasileiras, quilombolas e indígenas no seu processo de afirmação como sujeito político e sócio-histórico na constituição da história de Santa Catarina e do Brasil.

Mediante ao desenvolvimento das ações de extensão, este estudo objetiva o processo de (escre)vivências, termo cunhado por Evaristo (2007) e destacado como ferramenta metodológica por Soares e Machado (2017), de discentes cotistas negras dos cursos de graduação da UDESC, de modo a visibilizar as narrativas individuais e coletivas que fortalecem o processo de ressignificação e fortalecimento do seu pertencimento identitário no território universitário. Esse processo é fundamentado e articulado a partir das participações das discentes em grupos de estudos de autoras negras e Grupo de Estudos Direitos Humanos e Interseccionalidades; em eventos como o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e Congresso de Pesquisadores/as Negros/as entre outros; do envolvimento em ações extensionistas e de pesquisa do Programa, do NEAB e laboratórios/núcleos parceiros - Laboratório de Direitos Humanos/LabDH, Laboratório de Educação e Sexualidade – LabEduSex, Núcleo Extensionista Rondon/NER, com o apoio do

Laboratório Multidisciplinar de Desenho e Produção de Material Didático para EaD/Multi.Lab.EaD.

Cabe destacar que na descrição das (escre)vivências das discentes fica evidenciado o processo de planejamento da elaboração de um *e-book* e a produção de audiovisuais com as narrativas de mulheres em parceria com o Museu da Pessoa. Além disso, esta movimentação que deu início às (escre)vivências de discentes cotistas negras, tanto as representadas neste estudo ou outras que estão vinculadas em cursos de graduação e pós-graduação da UDESC, viabilizou as narrativas individuais e coletivas que fortalecem a história de protagonismo e representatividade de mulheres negras, quilombolas e indígenas.

O estudo aponta que, além do acesso ao ensino superior fatores como acolhimento e representatividade influenciam na permanência das discentes na universidade, a partir da afirmação de direitos e de identidades, o letramento racial, a visibilidade de produções autorais, os tensionamentos enfrentados, a luta antirracista no espaço universitário e a aquisição de olhares mais elaborados para o desenvolvimento de ações e investigações que sejam estendidas para além da instituição formadora. Dialogamos com Ribeiro (2017) que explicita a existência de uma hierarquia estruturada na sociedade que faz com que as produções intelectuais, saberes e fazeres outros e vozes de grupos tratados como inferiores, resultem em condições estruturais de manutenção de um lugar que é silenciado. Sendo assim, a ideia de lugar de fala objetiva visibilizar sujeitos cujos pensamentos foram desconsiderados ao longo da história da constituição social humana. Desta forma, Carneiro (2005, p. 60), denuncia a negação do Outro enquanto produtor de conhecimento ao explicitar que os pesquisadores/as e intelectuais negros/as “em geral são reduzidos à condição de fonte e não de interlocutores reais do diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema negro”. E a ocupação do espaço universitário é uma forma de confrontar parte desse sistema instaurado desde o início das trajetórias escolares de pessoas negras.

A partir desse escopo, as (escre)vivências das discentes reportam os processos de acesso e de permanência, além dos enfrentamentos com o currículo acadêmico, ao adentrarem na Universidade pública por meio da Política de Ações Afirmativas, discutem as problemáticas enfrentadas e as possibilidades de permanência a partir de suas próprias teorizações de conhecimentos sobre as trajetórias no campo universitário. Por fim, as produções provocam tensionamentos em um espaço marcado e racializado historicamente pela branquitude e adensam em diálogo, estudos/pesquisas e relatos de experiências que articulam os sujeitos das ações afirmativas no ensino superior, além dos espaços de aquilombamento existentes na Universidade.

Palavras-chave: Letramento racial; (escre)vivências; ressignificação identitária.